



**CURSO DE PSICOLOGIA**

**RACISMO E BRANQUITUDE: UM ESTUDO COM GRADUANDOS DA ÁREA DA  
SAÚDE**

Caroline Rosa Aquino

Santa Cruz do Sul

2021

Caroline Rosa Aquino

**RACISMO E BRANQUITUDE: UM ESTUDO COM GRADUANDOS DA ÁREA DA  
SAÚDE**

Trabalho de Curso apresentado ao curso de Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito de avaliação da disciplina de Trabalho de Curso em Psicologia II.

Professora orientadora: Alíssia Gressler Dornelles

Santa Cruz do Sul

2021

## RESUMO

O racismo, em sua pluralidade de formas e expressões, permeia os diversos espaços de convívio social, desdobrando-se como processo histórico e político. A existência do racismo é a existência de uma supremacia branca, politicamente construída ao longo da história, a qual produz desigualdades raciais concretas e simbólicas. A incorporação de padrões racistas atua diretamente na relação que se estabelece entre os sujeitos brancos e as pessoas dos outros grupos étnico-raciais no cotidiano das instituições de saúde, aspecto que está diretamente ligado ao fato de que, além da desigualdade racial existente no acesso à saúde, é também desigual a qualidade do atendimento, do tratamento e do cuidado. Sendo assim, este estudo se configurou como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório que visou analisar as representações e os sentidos do “ser branco” identificadas no discurso de alunos(as) brancos(as) de cursos da graduação na área da saúde. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco acadêmicos de diferentes cursos da área da saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul. A técnica metodológica para a seleção da amostra foi a “Bola de neve”, com amostragem por conveniência. A análise e interpretação dos dados foi realizada à luz da Psicanálise em extensão ou extramuros, em articulação com estudos sociais acerca do tema. Os dados analisados apontam para uma representação do sujeito branco como um ser humano universal, desracializado, do qual se diferem os indivíduos considerados racializados. A percepção de si mesmo como pessoa branca é referenciada pelos entrevistados no contato com pessoas negras, ditas “diferentes”, onde o sentimento de superioridade acompanha essa identificação do “diferente”. O componente narcísico de autopreservação egoica fica evidente na medida em que pôde-se evidenciar sentimentos de medo em relação ao negro, de isenção de responsabilidade pelos privilégios vividos, de negação do próprio racismo e de responsabilização do próprio negro pelas desigualdades que vivencia. Pôde-se identificar várias contradições expressas na fala dos participantes, as quais põem em evidência a especificidade do racismo brasileiro, o qual afirma-se através da sua própria negação e é marcado pela ambiguidade. A omissão do lugar do sujeito branco na manutenção do racismo e das desigualdades dele decorrentes no contexto da graduação em saúde, pode ser entendida como uma das diversas manifestações do racismo à brasileira. Sendo assim, torna-se indispensável que os profissionais brancos da área da saúde reconheçam não só o sofrimento vivenciado por pessoas negras – e demais grupos étnico-raciais não-brancos, mas também a sua própria identidade racial; e que busquem então subverter a lógica colonial e de ideal branco no cotidiano das suas relações interpessoais e institucionais. Nesse sentido, devem haver mudanças não só a nível individual, mas, sobretudo, a nível institucional, sendo imprescindível suscitar reflexões sobre o racismo científico que serviu de base na estruturação do conhecimento ocidental, tanto nas ciências sociais quanto nas ciências da saúde, e levar em conta o epistemicídio que marca as trajetórias acadêmicas até os dias atuais.

**Palavras-Chave:** Branquitude; Raça; Racismo; Saúde.

## ABSTRACT

The racism, in its plurality of forms and expressions, permeates the various social living spaces, unfolding as a historical and as a political process. The existence of racism is the existence of white supremacy, politically constructed throughout history, which produces concrete and symbolic racial inequalities. The incorporation of racists standards operates directly in the relationship established between white subjects and people from the other ethnic-racial groups in the daily life of health institutions, an aspect that is directly linked to the fact that, in addition to the existing inequality in access, there is also an inequality in the quality of the care and treatment offered. Therefore, this study was configured as qualitative exploratory research that aimed to analyze the representations and meanings of “white being” identified in the speech of white undergraduate students in the health area. Therefore, semi-structured interviews were carried out with five academics from different undergraduate courses in the health area of the University of Santa Cruz do Sul. The methodological technique for sample selection was the “snowball”, with sampling for convenience, the analysis and interpretation of data were based on Psychoanalysis in extension or extra walls in conjunction with social studies on the subject. The data analyzed point to a representation of the white subject as a universal human being, from which racialized individuals differ. The perception of oneself as a white person is referenced by respondents in contact with black people, the so-called “different” so that the feeling of superiority accompanies this identification of the “different”. The narcissistic component of egoic self-preservation was evidence as it was possible to identify, through the analysis and interpretation of the interviewees’, feelings of fear about black people, in addition to the exemption from responsibility for the privileges experienced, the denial of their racism and the responsibility of blacks themselves for the inequalities they face. It was possible to identify several contradictions expressed in the speech of the research participants, which highlight the specificity of Brazilian racism: it’s a racism that asserts itself through its denial and is characterized by ambiguity. The omission of the white subject’s place in the maintenance of racism in the inequalities arising from it in the context of health graduation can be understood as one of the various manifestations of Brazilian racism. Therefore, white health professionals must recognize not only the suffering experienced by black people – and other non-white racial-ethnic groups, but that also recognize their own racial identity; and that they seek to subvert the colonial logic and the white ideal in their daily interpersonal and institutional relationships. In this sense, there must be changes not only at the individual level but above all at the institutional level. So, it is essential to raise reflections on the scientific racism that served as the basis for structuring Western knowledge, both in social sciences and human sciences, and to make into account the epistemicide that marks the academic trajectories up to the present day.

**Keywords:** Whiteness; Race; Racism; Health.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	8
<b>2.1 Raça e Racismo</b> .....	8
<i>2.1.2 O racismo como processo político e histórico</i> .....	9
<b>2.2 Breve contextualização histórica da questão racial brasileira</b> .....	11
<b>2.3 Racismo e branquitude no Brasil</b> .....	13
<b>2.4 Racismo na esfera da saúde</b> .....	14
<b>2.5 Considerações preliminares para uma abordagem psicanalítica acerca do racismo e da branquitude</b> .....	16
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	20
<b>3.1 Objetivo Geral</b> .....	20
<b>3.2 Objetivos Específicos</b> .....	20
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	21
<b>4.1 Coleta de dados</b> .....	21
<i>4.1.1 Considerações éticas</i> .....	23
<b>4.2 Análise e interpretação de dados</b> .....	24
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	26
<b>5.1 “Ser branco”: a identidade branca e a construção do diferente</b> .....	26
<b>5.2 Narcisismo e brancura: da autopreservação de si ao medo do outro</b> .....	33
<b>5.3 Branquitude e o racismo à brasileira</b> .....	41
<b>5.4 Racismo no contexto da formação e do cuidado em saúde</b> .....	49
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56
<b>APÊNDICE A - Roteiro entrevista semi-estruturada</b> .....	60
<b>ANEXO A - Carta de aceite da instituição</b> .....	61
<b>ANEXO B - Termo de consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	62

## 1 INTRODUÇÃO

O racismo permeia os diversos espaços de convívio social, apresentando-se em sua pluralidade de formas e expressões. Nas sociedades democráticas, atos explícitos de racismo são passíveis de punições, porém situações evidenciam uma contradição a essa lógica. A mídia por exemplo, cotidianamente veicula conteúdos nos quais estão presentes casos velados e até mesmo explícitos de racismo. Além disso, no Brasil, as taxas de morbidade e mortalidade – dentre várias outras, quando analisadas a partir de um recorte racial, apresentam diferenças significativas, as quais só podem ser produtos de práticas e políticas sociais, já que, geneticamente falando, diferenças raciais não existem como conceito biológico ou natural (MIRANDA, 2015).

Há décadas, as teorias científicas discutem o racismo, entretanto, no início do século passado, essas teorias hegemônicas - elaboradas por autores brancos, obviamente – apresentavam explicações biologicistas para afirmar a inferioridade da raça negra – inclui-se aqui os demais grupos raciais não-brancos – no sentido de justificar a escravização desses sujeitos. Após quatro décadas, esses teóricos abandonam a ideia de inferioridade racial inata, mas passam a afirmar que os negros teriam sido deformados pela escravidão. Portanto, são recentes os estudos que admitem e demonstram que a situação de desigualdade não se deve exclusivamente ao fenômeno da escravidão, mas sim à discriminação racial cotidiana (MIRANDA, 2015).

A história da construção da Psicologia carrega as marcas do racismo científico e o peso de um saber que tem raízes brancas e elitistas. Estudar e discutir a problemática do racismo é indispensável para a construção de um saber e de uma práxis profissional em Psicologia realmente implicada com os sujeitos. Isso porque pensar o sujeito em sua integralidade e singularidade demanda a compreensão das diversas e complexas nuances que atravessam e constituem sua subjetividade, a qual está sempre inserida em um campo social, isto é, em um sistema de estruturas e significados sociais, políticos, econômicos e culturais historicamente constituídos.

Ao longo do meu percurso na graduação, apesar de ter presenciado e participado em sala de aula de discussões e reflexões acerca da temática, estas ocorreram de maneira pontual e sem enfoques na implicação da branquitude no racismo e nas desigualdades raciais decorrentes desse processo. Eu, enquanto pessoa branca e estudante da área da saúde, me desacomodei ao perceber esses fatores, ao notar que faço parte de um coletivo racial que compõe a grande

maioria do embranquecido ambiente acadêmico à minha volta e que negligencia seu forte papel na produção e manutenção do racismo ao racializar o outro, mas não se ver racializado.

Frente a essa realidade, considero de extrema importância (re)pensar o “ser branco” no contexto do cuidado em saúde para que seja possível trilhar um caminho em direção a uma práxis profissional produtora de equidades e não de desigualdades raciais e sociais. Sendo assim, a proposta deste estudo é a de analisar as representações do “ser branco” identificadas no discurso de alunos(as) brancos(as) de cursos da graduação na área da saúde. Assim, buscase uma interlocução entre a implicação das questões raciais e, portanto, do racismo no Ensino Superior, e na esfera da saúde, levando em conta que os graduandos de hoje serão os profissionais do futuro.

Cabe assinalar que o que se pretende é investigar a branquitude não pela suposição de que exista uma diferenciação biológica entre as raças, mas reconhecendo que existe uma dimensão social e política que compõe distinções entre os diversos grupos étnico-raciais.

Consoante ao que explica Silvio Almeida, em seu livro “Racismo Estrutural” (ALMEIDA, 2019), entende-se que o racismo decorre da própria estrutura social e se desdobra como processo político e processo histórico. Entretanto, isso não significa que as ações individuais e institucionais devam ser desresponsabilizadas pelos atos racistas, mas sim que todos nós precisamos ser antirracistas, pois não basta apenas não sermos racistas em uma sociedade cuja estrutura “normal” já é calcada no racismo.

Nesse sentido, o racismo se revela a nível estrutural na medida em que a ordem social opera de modo a privilegiar seus sujeitos brancos e pôr as pessoas de outros grupos racializados em desvantagem, excluídas das estruturas dominantes. Sendo assim, partindo do pressuposto de que “as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social” (ALMEIDA, 2019, p. 47), é inegável que o racismo se manifesta também a nível institucional, e não só enquanto fenômeno ideológico.

O racismo institucional se refere ao fornecimento de normas e padronização do modo de orientação das ações e comportamentos dos indivíduos. Esse padrão de tratamento se revela desigual nas operações cotidianas, colocando os brancos em expressa vantagem perante os outros grupos raciais. Nesse sentido, há o reconhecimento de que as desigualdades no acesso às diversas esferas sociais entre as raças é um efeito do racismo. Dentre essas esferas, estão a da Saúde e dos Direitos Humanos. (MIRANDA, 2015).

Se partimos da premissa de que a saúde é um direito básico de todo o ser humano, não só assim garantida pela Constituição Federal de 1988, mas também reconhecida como tal através de um certo senso de humanidade, e de que a esfera da saúde pode ser tomada enquanto

uma instituição social, então torna-se imprescindível analisar os atravessamentos e implicações do racismo – em suas diversas dimensões – no campo da saúde.

A partir da compreensão da “[...] dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais” (ALMEIDA, 2019, p. 46), consoante ao que já foi posto, entende-se que o problema do racismo está muito antes ligado à identidade racial branca do que como uma questão da negritude. Isso porque o racismo é a, politicamente construída, supremacia branca, pois são os brancos que possuem o poder para materializar o preconceito em desigualdades sociais, políticas e econômicas, já que todos os espaços de prestígio social e de poder político, social e econômico são caracterizados por essa supremacia do branco sobre pessoas negras. (ALMEIDA, 2019; KILOMBA, 2019).

## REFERÊNCIAS

- AAKER, David.; KUMAR, V. & DAY, G. **Marketing research**. Hoboken: Editora John Wiley & Sons, Inc. 1995.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branqueamento e branquitude no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- BORGES, R. Prefácio. In KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. (Orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev. latinoam. cienc. soc.**, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, jan. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-715X2010000100028&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2010000100028&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 out. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branqueamento e branquitude no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- COELHO, Daniel M.; SANTOS, Marcus Vinicius O. Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. **Rev. Analytica**, São João del Rei , v. 1, n. 1, p. 90-105, dez. 2012 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972012000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 jun. 2021.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2005. Disponível em: < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em 16 nov. 2020.
- DOS SANTOS, Elisabete Figueroa; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. **Rev. Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 168-182, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/11745>>. Acesso em: 10 out. 2020.
- ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, D. M. **“Por que Fanon? Por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7123/TeseDMF.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 4 mai. 2021.

FERNANDES, Elisângela B. **Narcisismo e cultura: a relação entre psicologia individual e psicologia social na obra freudiana**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

FREUD, Sigmund. (1921c). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 8, p. 89-179, 1990.

GARCIA-ROZA, Luiz A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / SECAD**. Brasília: 2005. p. 39-62.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFÓGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Rev. Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?lang=pt>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

GUIMARÃES, Antonio S. A. **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora FAPESP, 2005.

GUERRA, Andréa M. C. O Papel da Psicanálise na Desconstrução do Racismo à Brasileira. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 2, p. 1-13, 2020. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/347816110\\_O\\_Papel\\_da\\_Psicanalise\\_na\\_Desconstrucao\\_do\\_Racismo\\_a\\_Brasileira](https://www.researchgate.net/publication/347816110_O_Papel_da_Psicanalise_na_Desconstrucao_do_Racismo_a_Brasileira)>. Acesso em: 2 mai. 2021.

IRIBARRY, Isac N. O que é pesquisa psicanalítica?. **Rev. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>>. Acessado 30 jun. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LACAN, Jacques. (1961-1962) **O seminário, Livro 9: A identificação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1964) **O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LÓPEZ, Laura Cecilia. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. **Rev. Interface – Comunicação Saúde Educação**, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 121-134, 2012. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832012000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100010) > Acesso em: 05 set. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MIRANDA, Rosane de Sousa. **Racismo no contexto da saúde: um estudo psicossociológico**. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Departamento de Psicologia, da Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, p. 194, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7688/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2020.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. **Rev. Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 230-244, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a18.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. (Orgs.). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PENNA, A. G. **Freud, as ciências humanas e a filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branqueamento e branquitude no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PIZUTTI, J. M. **A constituição do sujeito na Psicanálise**. Monografia (Graduação em Psicologia) - Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1218/Jaqueline%20Pizutti%20monografia.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 11 mai. 2021.

ROSA, Miriam D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, vol. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482004000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008)>. Acesso em: 01 mai. 2021.

\_\_\_\_\_; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Rev. Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/yKGGKsrdH3QvCNdYkTkPqpfP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

SANTOS, Kwame Y. P. dos. Relações raciais: uma questão para psicanálise? **Rev. Porto Arte**, Porto Alegre, v. 25, n. 44, p. 1-16, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/109897>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SBARDELOTTO, L. et al. Constituição do sujeito na psicanálise. **Rev. Akrópolis**, Umuarama, v. 24, n. 2, p. 113-129, 2016. Disponível em: <<https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/6331>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

SONODA, K. C. L. O método psicanalítico e as condições da análise (e da pesquisa clínica): Algumas recomendações. **Rev. aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 90-112, 2018. Disponível em: <[http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_26/pdf/5\\_artigo\\_katerine\\_da\\_cruz\\_leal\\_sonoda.pdf](http://www.isepol.com/asephallus/numero_26/pdf/5_artigo_katerine_da_cruz_leal_sonoda.pdf)>. Acesso em: 11 mai. 2021.

STARNINO, Alexandre. Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan. **Rev. dois pontos**., Curitiba, v. 13, n. 3, p. 231-249, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/46901>>. Acesso em 13 mar. 2021.

VANNUCHI, M. B. C. C. A violência nossa de cada dia: O racismo à brasileira. In N. M. Kon, M. L. Silva, C. C. Abud (Orgs). **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Rev. Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Rev. Saúde soc.**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, set. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902016000300535&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902016000300535&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03 out. 2020.